

# APRESENTAÇÃO – UMA SEGUNDA VIDA PARA AS CIDADES MUSICAIS. UM CALEIDOSCÓPIO DE SIGNIFICADOS E ABORDAGENS NO SÉCULO XXI

Paula Guerra<sup>1</sup>

Simone Luci Pereira<sup>2</sup>

Ana Oliveira<sup>3</sup>

Cíntia Sanmartin Fernandes<sup>4</sup>

A azáfama dos quotidianos faz com os sons sejam ignotos. Fazem com que gostemos de música, mas que dificilmente possamos identificar uma como favorita. Como Carlos Ruiz Zafón escreveu sobre os livros, aferimos que em cada música há uma música dentro da própria música. Na sua obra “A Sombra do Vento” (2021), Zafón refletiu sobre a quantidade de objetivos e coisas corriqueiras que se perdem ou são esquecidas, daí ter imaginado a criação de uma biblioteca especial destinada a guardar os livros esquecidos da cidade, mas cativos na alma de quem os leu. A mesma analogia pode ser feita para este Dossiê, sobre a segunda vida das cidades musicais, no sentido em que vemos a cidade no papel dessa

---

<sup>1</sup> Doutora em Sociologia pela Universidade do Porto, Portugal. Professora de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Professora Associada Adjunta do Griffith Centre for Social and Cultural Research na Austrália. Investigadora do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», do Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território e do DINÂMIA’CET – IUL, Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território. Fundadora/coordenadora da Rede Todas As Artes – Rede Luso-Brasileira de Sociologia da Cultura e das Artes. Diretora da Todas as Artes – Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura. Fundadora/coordenadora do KISMIF Project e da KISMIF International Conference.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Sociais – Antropologia, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Possui pós-doutorados em Música (UNIRIO), em Ciências Sociais, Ninez y Juventud (CLACSO) e em Comunicação (UFRJ). Professora e pesquisadora do PPG Comunicação da Universidade Paulista – UNIP. Participa da rede internacional de investigação do Grupo de Trabalho CLACSO Juventudes y Infancias en América Latina desde 2015. Coordenadora do GP CNPq URBESOM (Grupo de Pesquisa em Culturas Urbanas, Música e Comunicação). Integrante da Diretoria da IASPM-LA (Asociación internacional para el estudio de la música popular – Rama Latinoamericana) (2018–2022). Vice-coordenadora do GT Estudos de Som e Música da COMPÓS (2021–2022).

<sup>3</sup> Doutora em Estudos Urbanos pelo Iscte – Instituto Universitário de Lisboa. Pesquisadora do DINÂMIA’CET – IUL, Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território e do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. Editora executiva da *Todas as Artes – Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura*, sediada no mesmo instituto, e membro da comissão executiva da KISMIF International Conference

<sup>4</sup> Doutora e Mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realizou ainda quatro estágios pós-doutorais: Escola de Comunicação da UFRJ, Programa de Comunicação e Semiótica na PUC/SP, École de Hautes Études en Sciences Sociales e na Université Paul-Valéry Montpellier. Professora Visitante Sênior da Université Paul-Valéry de Montpellier, França. Professora adjunta da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM-UERJ). Coordenadora e líder do GP CNPq Comunicação, Arte e Cidade (CAC) no CNPq ([www.cacuerj.com](http://www.cacuerj.com)). Membros fundador dos GTs: Comunicação, Música e Entretenimento (da INTERCOM) e Estudos de Som e Música (da COMPÓS).

biblioteca especial, que guarda as músicas que tocaram nas almas de outrem.

A música e o som são ubíquos. Quer seja na atuação de um artista de rua, num concerto, nos carris de um comboio, nas máquinas industriais que criam sinfonias de desenvolvimento urbano, nos acordes dos passos lestos pelas calçadas, nas palavras de despedida de mais um dia e no acordar de uma alvorada (Guerra, 2020a; 2020b). Tudo isso é uma vida. Uma segunda vida que não é vista nem reconhecida. Aliás, já dizia Paulo Cunha e Silva que o futuro é o agora (Silva, 2018). É assim determinante pensar nos modos como a música marca o urbano a curto, médio e longo prazo. Na verdade, basta ter como exemplo desta afirmação o facto de apenas em 2015 a cidade de Liverpool ter sido reconhecida como uma “City of Music” pela UNESCO, muito devido à ligação desta com os The Beatles (Aughton, 1993). Ou também podemos referir cidades como Nova Orleães nos Estados Unidos da América ou o Rio de Janeiro, no Brasil, como exemplos acabados de cidades musicais contemporâneas, isto porque a cada uma delas associámos um estilo musical, um artista, um concerto ou mesmo experiências vivenciais que se criam em torno dessa ideia.

Paralelamente, o conceito de cidade musical também se relaciona com uma historicidade dos locais (Nora, 1984). As cidades musicais não se determinam apenas pelo que está “vivo”, isto é, pelo que está a acontecer no momento ou pelo que acontecerá no futuro – numa lógica de planeamento – mas também, e principalmente, pelo passado. Pensar numa cidade musical é pensar num palácio do século XV ou XVI e imaginar os bailes, a côrte, os ensaios de piano das pequenas burguesas e o relinchar de um cavalo que troteia com o intuito de defender uma muralha física e simbólica. Pensar no Rio de Janeiro ou em Lisboa como cidades musicais, é pensar também nas influências, nas metástases do hibridismo (Regev, 2013) e nos eventos revolucionários (Guerra, 2018). Pensar sobre as cidades musicais, implica imaginar videocliques e tops nacionais e internacionais. É pensar no que é local, no que é global e no que é virtual (Bennett & Peterson, 2004).

Discutir as cidades musicais e a sua pertinência, bem como os seus significados e simbologias na atualidade (Guerra, 2020c), implica que se pensem noutros conceitos a elas afetos, tais como o de cena, o de tribo ou o de subcultura (Guerra, 2010). Pressupõe que se pense os indivíduos e os habitantes das cidades como seres sensíveis e dotados de uma capacidade inovadora virada para a criação, fazendo jus às pinturas rupestres dos antepassados. Na verdade, as cidades, a cultura e a economia criativa são

amplamente entendidas como interdependentes, surgindo interligadas num rol de iniciativas, discursos e agendas. A música, enquanto linguagem e manifestação cultural universal, é um elemento-chave nesta equação. Nesse contexto, o conceito de cidades musicais tem marcado presença com especial intensidade não apenas nos discursos de atores políticos, de outros representantes locais e de consultores internacionais, mas também no meio acadêmico, através de diversas pesquisas desenvolvidas no âmbito das ciências sociais. São múltiplos os significados atribuídos ao conceito de cidades musicais, e diversas as abordagens através das quais ele tem vindo a ser utilizado (Fernandes & Herschmann, 2018). Porém, de uma forma geral, e à semelhança do que acontece com muito do discurso acerca das indústrias criativas, podemos afirmar que grande parte da narrativa em torno das cidades musicais está ancorada em concepções e experiências predominantemente anglo- e eurocêntricas.

Urge, por isso, alargar a discussão acadêmica a outras perspectivas, a outras realidades, a outros contextos. Se a construção de conhecimento científico em torno do conceito e da temática das cidades musicais se iniciou e teve, até ao atual momento, especial destaque no Norte Global, importa que agora caminhe para o Sul Global e seja enriquecida com outras perspectivas, proporcionando uma reflexão alargada sobre os múltiplos significados e as diversas configurações que o conceito assume na contemporaneidade, à luz daqueles que podem ser os contributos das várias ciências sociais para a sua leitura e o seu entendimento. É nesse caminho que se insere este dossiê, que reúne um conjunto de artigos que se debruçam sobre o conceito de cidades musicais e que contribuem para alargar a reflexão e a discussão sobre a temática a outros contextos, dando uma segunda vida às cidades musicais. Aliás, já Charles Landry (2000) nos alertava para a importância de um *milieu* de criatividade das cidades modernas e, subseqüentemente, pós-modernas. Socorrendo-nos dos contributos deste autor, aferimos que para pensarmos de forma reflexiva as cidades musicais, devemos combinar dois fatores: (i) o de infraestrutura, que se refere ao espaço urbano a todos os elementos que o compõem, desde os edifícios às grandes multinacionais, fábricas, residências e espaços de lazer e (ii) as simbologias, ou o campo afetivo da infraestrutura, referente às redes, aos significados, às conexões e às interações humanas que, por sua vez, também ocorrer através da música.

Com a proposta de elaboração deste dossiê, era nosso interesse ir além das visões acadêmicas e teóricas que até então encararam a importância das cidades musicais numa relação *estritu sensu* com

os grandes festivais de música. Apesar de considerarmos tal prática um fator importante e determinante para o desenvolvimento deste conceito, especialmente pelo facto de o mesmo advir de um redireccionamento das políticas públicas, considerámos importante não nos regermos por modas ou por grandes tendências. Assim, também era nosso interesse perceber se haveria a possibilidade de as políticas culturais contemporâneas estarem focadas numa forma de intervenção a um nível meso ou mesmo micro, afastando a lógica macro que se afirmou com o término da Segunda Guerra Mundial (Flew, 2008). Na verdade, podemos dizer que a nossa premissa foi a seguinte: ouvir a música das cidades. Deixar as cidades falarem através da música, e deixar a música falar das cidades.

O primeiro fragmento do caleidoscópio analítico proposto por este dossiê é o de Luiz Alberto Brandão Moura. No texto “Anti(tédio) Boys – o papel das gravadoras *indie* na cartografia musical portuguesa. Os Casos de Coimbra, Porto, Guimarães e Leiria”, o autor explora as relações entre práticas, produções musicais e territórios, assumindo como estudo de caso quatro gravadoras *indie* e os seus impactos em cidades portuguesas. Para além de dar voz a manifestações musicais *underground*, as quatro gravadoras têm também um papel transformador do território, surgindo como atores cruciais, quer nos processos de revitalização de espaços urbanos, quer na descentralização das cenas musicais que atualmente configuram o panorama musical português.

O exercício de convocar novas leituras acerca das cidades musicais prossegue com o artigo de Paula Guerra – “Sons, corpos e lugares. Para uma metonímia das cidades musicais contemporâneas”, no qual a autora demonstra de que forma as cidades musicais se têm metamorfoseado. Tendo como foco de análise a percepção do *voguing* enquanto um elemento essencial na criação e demarcação das cidades musicais contemporâneas no Sul Global, a autora argumenta que a conceção de cidades musicais vai além da música. Estas são compostas por *outros* espaços, corpos e movimentos que marcam, também eles, as suas sonoridades. Por esta razão, o artigo debruça-se sobre o corpo enquanto matriz performativa dos/nos espaços urbanos, relacionais e sociais, analisando o caso da *House of Império*, uma *house* – na sua conceção histórica – com ligações ao Rio de Janeiro, a São Paulo e a Minas Gerais, e mostrando que o *voguing* e o ato de vogar se plasmam em processos de valorização territorial.

No artigo “São Paulo como cidade musical? Perspectivas de debate a partir de três experiências de pesquisa”, Simone Luci

Pereira, Everton Vitor Pontes, Priscila Miranda Bezerra e Juliana Conartioli Rodrigues convocam as pesquisas etnográficas que têm levado a cabo em torno da cidade de São Paulo para analisar as mais recentes disputas entre o centro da cidade e as noções de criatividade, empreendedorismo cultural e cidade musical. Fazem-no considerando as economias criativas que se mostram insurgentes e dissidentes e privilegiando as territorialidades da avenida Paulista, Baixo Augusta/Anhangabaú e Bixiga. Ao longo do seu percurso analítico, os autores realçam o lugar da música e suas práticas como força central e aglutinadora de ativismos, socialidades e afetividades nas formas de fazer a cidade.

Pilar Cabanzo e Camila Daniel oferecem-nos uma reflexão em torno da ocupação de espaços na cidade do Rio de Janeiro por Negro Mendes, um grupo dedicado à música afro-peruana, formado principalmente por imigrantes latino-americanos em 2002. O principal objetivo do artigo “Negro Mendes y las disputas por la ciudad desde lo afro peruano” é demonstrar que Negro Mendes desconstrói ideias relacionadas com as expectativas sobre a identidade nacional peruana legitimada, disputando marcas de identificação ligadas ao peruano e ao que significa habitar a cidade do Rio de Janeiro. Para tal as autoras socorrem-se do trabalho de campo etnográfico que realizaram entre 2013 e 2017, junto do grupo. Abordando a migração peruana à luz do processo de legitimação de certos repertórios simbólicos dentro do projeto nacional peruano, historicamente baseado na noção de mestiçagem, defendem que Negro Mendes nos oferece novas perspectivas para imaginar as cidades musicais contemporâneas do Sul Global.

Em “Rio, Ruas e Sambas: a construção do Rio de Janeiro enquanto cidade musical”, Victor Nigro Fernandes Solis analisa o processo de constituição da cidade brasileira enquanto uma cidade musical. A partir de uma metodologia de revisão histórica da formação da cidade e das experiências de atores sociais importantes para o samba, o autor evidencia os espaços de sociabilidade comuns à população, tais como as ruas, avenidas e praças, bem como locais de natureza privada, como as residências e os botequins, os quais, de maneira conflituosa, possibilitariam a construção das redes de sociabilidade interna e a reterritorialização de espaços musicais. Ao mesmo tempo, reflete de que forma a coesão interna transbordou para além de grupos sociais restritos a uma esfera local, alargando a “vocação musical” do Rio de Janeiro como uma produção moderna exterior ao poder colonial cultural.

Numa incursão à região Norte do Brasil, e mais concretamente tendo como foco a cidade de Macapá, no Estado de Amapá, Wesley Oliveira demonstra que o cenário musical amapaense é atravessado por múltiplos códigos culturais, sociais e políticos, que representam as particularidades de se produzir e fazer música no contexto amazônico. Tendo como enfoque central o *rap*, o artigo “Música periférica: estética, cultura e política na cena em Macapá-AP” analisa o lugar que o *rap* ocupa no cenário artístico e cultural amapaense, concluindo que o lugar cobiçado pelo *rap* é o seu reconhecimento enquanto gênero musical e ativismo social, propondo, através da “Nova MPA”, uma nova categoria musical e cultural para o universo do *rap* – a Música Periférica Amapaense.

Victor Belart e Flávia Magalhães Barroso levam-nos de novo ao Rio de Janeiro para uma análise da construção e do enraizamento das experiências carnavalescas ativistas, entre os anos de 2010 e 2020. No artigo “Ativistas, festeiros e apaixonados pela rua: potências e controvérsias do chamado Carnaval “não oficial” do Rio de Janeiro entre 2010 e 2020” defendem que a rede complexa de produção de cortejos carnavalescos tem vindo a contribuir para a projeção de outras atividades culturais e para as transformações das cenas independentes na cidade. Neste sentido, o artigo oferece reflexões teóricas compatíveis com o alto nível de assimilação e interação dos grupos culturais com os novos ativismos, estéticas, sonoridades e visualidades da cidade.

Retomando o corpo e a performance, no último fragmento deste caleidoscópio analítico, o artigo “Entre um *show* e algumas *lives*”, Milene Migliano cruza a reflexão sobre os novos significados do conceito de cidades musicais com o contexto pandêmico vivido no último ano e meio. Fá-lo centrando-se nas performances do feminismo na cultura *pop*, que são aqui retomadas a partir duas etnografias: 1) a incursão no *show* da banda Pussy Riot, com participação especial de Linn da Quebrada e Jup do Bairro, no encerramento do Festival Sem Censura, promovido pela Prefeitura de São Paulo, em janeiro de 2020; e 2) a incursão nas *lives* “Bailinho Covid” do perfil DanzaMedicina, animado por Morena Cardoso, durante o isolamento social também 2020. Através da sua análise, Milene evidencia o potencial das experiências estéticas em produção nas liminaridades criativas entre os espaços urbanos e as redes sociais digitais, demonstrando que falar hoje de cidades musicais tem de ser falar também de cidades musicais digitais.

Tal como desejado, os trabalhos reunidos neste dossiê compilam diferentes pontos de vista acerca do conceito de cidades musicais. Mais, eles trazem pontos de vista diferentes, pouco habituais. Por

Apresentação – Uma segunda vida para as cidades musicais.

isso, acreditamos que constituem um importante contributo que expande e enriquece o caleidoscópico de significados e de abordagens acerca desta temática, permitindo de facto dar uma segunda vida ao conceito de cidades musicais, a partir daquelas que são as experiências do Sul Global.

*Porto, Lisboa, S. Paulo e Rio de Janeiro, setembro de 2021.*

## Referências

- Aughton, P. (1993). *Liverpool: A people's history*. Preston: Carnegie Publishing.
- Bennett, A. & Peterson, R. (Eds.) (2004). *Music scenes: Local, translocal, and virtual*. UK: Vanderbilt University Press.
- Fernandes, C. S.; Herschmann, M. (2018). *Cidades musicais. Comunicação, territorialidade e política*. Porto Alegre: Editora Sulina.
- Flew, T. (2008). Music, cities, and cultural and creative industries policy. In Peters, M.; Luckman, S. & Bloustein, G. (Eds.). *Sonic synergies: Music, technology, community, identity* (pp.7–16). UK: Ashgate Publishing Limited.
- Guerra, P. (2020a). Paixões sónicas conservadas em disporfonias: o musicar de Gustavo Costa e da Sonoscopia. *ArtCultura Uberlândia*. 22, 41, 7–29.
- Guerra, P. (2020b). Dystopian mermaids: an essay on the relevance of dystopia in contemporary Portuguese artistic creations. *Arte e Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRF. 26, 40, 393–407.
- Guerra, P. (2020c). Um lugar sem lugar... No rock português. *Outros Tempos – Pesquisa em Foco, Dossiê Feminilidades e masculinidades em foco*, 2, 25, 181–204.
- Guerra, P. (2018). Raw Power: Punk, DIY and underground cultures as spaces of resistance in contemporary Portugal. *Cultural Sociology*, 12, 2, 241–259.
- Guerra, P. (2010). *A instável leveza do rock: génese, dinâmica e consolidação do rock alternativo em Portugal*. Tese de Doutoramento. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Landry, C. (2000). *The creative city: A toolkit for urban innovators*. London: Earthscan.
- Nora, P. (1984). *Les lieux de mémoire*. Paris: Editions Gallimard.
- Regev, M. (2013). *Pop-rock music: Aesthetic cosmopolitanism in late modernity*. Cambridge: Polity Press.
- Silva, H. T. da (2018). *751 dias – O tempo não consome a eternidade*. Porto: Edições Município do Porto.
- Zafon, C.R. (2021). *A sombra do vento*. Lisboa: Editorial Planeta.